

**POTÊNCIA DE VOZES NEGRAS NA LITERATURA FEMININA
DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Edna Sousa Cruz (UEMASUL)

edna.s.cruz@uemasul.edu.br

Eronilde dos Santos Cunha (UEMASUL)

laranjinha.ero@gmail.com

Rute Maria Chaves Pires (UEMASUL)

rutepires@uemasul.edu.br

RESUMO

Este estudo discorre sobre a literatura feminina negra de Conceição Evaristo como marca de posicionamento e pertencimento étnico, político, estético, de gênero, raça e classe, que dá voz a um grupo silenciado historicamente. Objetivou-se analisar a potencialidade, em termos de empoderamento de protagonista negra na produção literária desta escritora. O objeto de estudo é a literatura negra de autoria feminina e o *corpus* o conto *Mary Benedita* da obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011), de Conceição Evaristo. Utilizou-se como escopo teórico os estudos de Miriam Alves (2011), Eduardo de Assis Duarte (2014), Djamila Ribeiro (2017), Júlio Cortázar (2013) e obras da própria Conceição Evaristo (2011; 2016; 2017). As considerações sobre as perspectivas da literatura produzida por esta escritora, de que trata este estudo, resalta a realidade de vivências individuais, coletivas e da potência de vozes-mulheres em diálogo com o mundo.

Palavras-chave:

Conceição Evaristo. Literatura negro-brasileira. Vozes negras femininas.

ABSTRACT

This study discusses the black female literature of Conceição Evaristo as a mark of positioning and belonging ethnic, political, aesthetic, gender, race and class, which gives voice to a group historically silenced. The objective was to analyze the potential, in terms of empowerment of a black protagonist in the literary production of this female writer. The object of study is the black literature of female authorship and the corpus is the short story *Mary Benedita* from the work *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011), by Conceição Evaristo. The theoretical scope included the studies by Miriam Alves (2011), Eduardo de Assis Duarte (2014), Djamila Ribeiro (2017), Júlio Cortázar (2013) and works by Conceição Evaristo (2011; 2016; 2017). The considerations about the perspectives of the literature produced by this writer, of which this study is concerned, highlights the reality of individual, collective experiences and the power of female voices in dialogue with the world.

Keywords:

Conceição Evaristo. Black brazilian literature. Black female voices.

1. Introdução

É voz corrente que a literatura produzida por escritores/as que assumidamente se reconhecem como sujeitos pertencentes a uma etnicidade negra e/ou afrodescendente, historicamente tem conquistado notória efervescência, o que tem favorecido a projeção desses e dessas intelectuais. Contudo, ao pesquisarmos sobre essa literatura publicada e de acesso público, nos deparamos com diferentes conceitos, que apontam que essa conceituação é vista sob diferentes óticas por intelectuais e pesquisadores/as da área. Vários são os adjetivos que a nomeiam: literatura negra, afro-brasileira, afrodescendente e negro-brasileira, conceituações que por vezes carregam/transparecem polêmicas de cunho político, sociológico e até mesmo antropológico.

Na configuração discursiva do que muitos/as concebem como Literatura Negra, “sobressai o tema do negro, quanto individualidade e coletividade, inserção social e memória cultural” (DUARTE, 2014, p. 21). Esta perspectiva é assumida por um estilo de escrita fortemente marcada por denúncias contra o racismo e a opressão, mas que não é apresentada com um reducionismo temático, afinal essa produção trata de temas universais, ao refletir sobre a vida, a existência, a traição, a morte, o amor, dentre outras. Nesta perspectiva, a literatura negra, é definida como

Aquela desenvolvida por autor negro ou mulato que escreva sobre sua raça dentro do significado do que é ser negro, da cor negra, de forma assumida, discutindo os problemas que a concernem: religião, sociedade, racismo. Ele tem que se assumir como negro. (RODRIGUES, 1987 p. 118-19)

De modo incisivo, para os/as defensores/as desse conceito não existiria produção literária negra sem o “ser negro”, na amplitude da palavra. Isso porque os textos são criados a partir de uma subjetividade negra, uma vez que esse ser constitui-se como sujeito e, ao mesmo tempo, como objeto dessa escrita.

Pensando na vivência e subjetividade dos corpos pretos, que demarcam territórios e constroem espaços de reexistência, dentro e fora da ficção, aprofundamos o olhar para a produção da mulher negra, especificamente para o processo de escrita feminina negro-brasileira que vem se tornando abalizadora de um processo de empoderamento e de reafirmação identitária, haja vista que as vivências do cotidiano, as lembranças, as marcas de subjetividade, as experiências individuais e

coletivas, a pulsante força da ancestralidade africana, se imbricam nas concepções e construções literárias.

Perpassando, desse modo, pela condição de escrita-vida, escrita-vida, ou seja, da Escrivência, que marca o fazer literário de Conceição Evaristo, no tocante ao reconhecimento e recentralização do cíclico processo de ser e existir na condição de mulher negra, mãe, escritora e militante, em um país que busca estratégias para invalidar e sabotar os saberes e projetos de vida/mundo de mulheres negras.

Na perspectiva de não sucumbir ao racismo, e de reconhecer o lugar de pertencimento e escrita da mulher negra, como uma presença viva e pulsante, existe a necessidade de se pensar, debater e documentar o lugar da memória e história desses corpos racializados no Brasil.

Assim sendo, a literatura produzida pela mulher negra simbolicamente apresenta o corpo preto como sujeito e protagonista de sua história, numa construção de si em permanente inter-relação com o outro. Esse olhar atento para a desconstrução e possíveis caminhos para a reconstrução dessa literatura negro-brasileira, que continua sendo sub-representada em espaços de poder será trabalhada neste artigo, através da análise do conto “Mary Benedita”, da obra “Insubmissas lágrimas de mulheres”, de Conceição Evaristo.

2. *Literatura de autoria feminina negro-brasileira*

Apesar da visibilidade conquistada, a literatura feminina ainda disputa espaços de reconhecimento de sua importância, consumo e difusão em âmbito oficial, de cunho popular e alternativo. Este reconhecimento é ainda mais difícil, para as escritoras negras, as quais são penalizadas por serem mulheres e negras, o que não invalida a luta e resistência, contra o machismo, racismo, sexismo, ao silenciamento político, ideológico, cultural e social com a força de sua escrita.

De acordo com o escritor e pesquisador, Luiz Silva (CUTI), a “censura quando introjetada, torna-se autocensura. O sistema repressor passa a contar com a própria energia do reprimido, que age contra si mesmo”. (CUTI, 2010, p.58). Diante de um país que retroalimenta uma estrutura montada nas bases de uma estrutura racista, não é de se estranhar que o/a oprimido/a, também, se sabote.

Essas marcas de censura e autocensura estão presentes na voz feminina, não silenciada e por vezes interdita, o que não descaracteriza a potência do processo criativo e do fortalecimento da presença negra no mundo. Assim, “fotografar” o ser negro, denunciar a opressão, ter sensibilidade no olhar e percepção do cotidiano da população negra são traços constitutivos da produção intelectual das mulheres negro-brasileiras, e a sua escrita construtora de pontes entre passado, presente e as projeções para o futuro.

Essa escrita/voz negra e feminina pode ser concebida como uma produção com implicações políticas, pois parte de uma individualidade que se liga a outras em uma teia coletiva que multiplica solidariedades, convergindo em potência de atuação e enunciação negra. É, ainda, uma literatura que não quer se deixar diluir pela literatura “universal”.

Desse modo as personagens da literatura negra-feminina brasileira não se limitam a ocuparem espaços sociais intermediários, mas apropriam-se de seus destinos, de seu direito de fala e escuta, em uma postura de insubmissão e empoderamento. Compreende-se empoderamento como manifestação e postura coletiva de “comprometimento com a luta pela equidade” (RIBEIRO, 2017, p. 135), que:

Não é a causa de um indivíduo de forma isolada, mas como ele promove o fortalecimento de outros com o objetivo de alcançar uma sociedade mais justa para as mulheres. É perceber que uma conquista individual não pode estar descolada da análise política. O empoderamento não pode ser autocentrado, parte de uma visão liberal, ou somente transferência de poder. Vai além. Significa ter consciência dos problemas que nos afligem e criar mecanismos para combatê-los. Quando uma mulher se empodera, tem condições de empoderar outras. (RIBEIRO, 2017, p. 135)

Nesse sentido, essa produção é impregnada pelo enfrentamento contra a naturalização de padrões impostos, a partir da evidenciação de posturas de insubordinação das personagens femininas negras, em um contínuo processo de exposição de suas histórias de vida. Ao serem desmoldadas, metaforicamente, assemelham-se ao reavivamento e às crescentes chamas de uma fogueira abundantemente azeitada.

No jogo de resistência e representação de vozes femininas, verdadeiras são abertas e caminhos estrategicamente traçados no afã de alterar o placar desse torneio, pois não só a literatura negra está em xeque, mas a decisão entre vida e morte, no campo simbólico da rebelião de ideias, em que pensamento e palavra são as armas utilizadas. Diante disso, refletir sobre a produção literária da mulher negra no contexto da

Literatura afro-brasileira é percorrer duas vertentes: a primeira, a das próprias mulheres negras que produzem literatura, e ao mesmo tempo reescrevem na história; e, a segunda, a da representação dessas mulheres na literatura. De todo modo, é entender quem são o que produzem e como se comportam mediante as relações de gênero e etnicidade que lhes são impostas no contexto dessas produções. (MONTEIRO, 2016, p. 2)

A escrita/voz das mulheres negras é povoada de temas universais e múltiplas vivências ancestrais, que, em forma de resistência, entrançam-se com as exigências da contemporaneidade. Não é mais concebível, pois, negar a existência de uma literatura feminina negra que é revestida por uma significativa qualidade estética/ literária e anda entrelaçada ao comprometimento social. Alves (2011, p. 185), no que refere ao processo de criação/produção, afirma que

[...] é de um lugar de alteridade que desponta a escrita da mulher negra. Uma voz que se assume. Interrogando, se interroga. Cobrando, se cobra. Indignada, se indigna. Inscrevendo se para existir e dar significado à existência, e neste ato se opõe. A partir de sua posição de raça e classe, apropria-se de um veículo que pela história social de opressão não lhe seria próprio, e o faz por meio do seu olhar e fala desnudando os conflitos da sociedade brasileira. (ALVES, 2011, p. 185)

A existência dessa literatura, produzida por mulheres negras, exige que os mecanismos e condições estruturais sejam canalizados de forma a dissipar as desigualdades existentes entre a literatura produzida por homens e mulheres, por brancas e negras. Desse modo, a escrita negra, que foi e ainda é reiteradamente marginalizada, mesmo com todos os obstáculos, está se fazendo presente nos espaços de divulgação, venda, disseminação e leitura das obras. Reafirma-se, assim, o processo de consolidação de uma prática que envolve um número significativo de sujeitos, mulheres e homens negros/as, tanto do lado da produção, quanto da recepção.

O universo literário por onde circula essa escrita continua restrito. Mesmo diante de sua consistência discursiva e da robustez literária, ainda assim se fazem necessários constantes intervenções e embates contra o sistema social e político que insiste em invisibilizar tais literaturas transgressoras.

A luta por um espaço mais digno, pela liberdade, pela valorização da mulher negra é uma marca da escrita dessas mulheres, que através de um conhecimento sobre sua própria condição sociocultural, reflete seus contextos e busca modos de intervenção contra sistemas que a aprisionam. De tal modo, a escrita marginal feminina negra traz relevantes contribuições para os estudos literários, quando lança uma literatura inovadoramente crítica e transgressora. (SOUZA, 2014, p. 10)

A conquista de espaços que propiciem a ressonância da voz literária feminina negra requer passos largos e ações concretas, além do processo de produção; ou seja, faz-se necessária a quebra de barreiras, no que se refere a racismo, machismo e sexismo incrustados nas relações socioculturais que, como erva daninha, perpetuam-se no Brasil, desde o período da colonização.

Ressalta-se que essa não valorização da literatura negra-feminina contemporânea dá-se tanto na poesia quanto na prosa – talvez mais ainda na poesia, porque a prosa utiliza de estratégias discursivas que são mais reconhecidas pelo/a leitor/a, acostumado a ver TV e filmes e ainda ouvir histórias.

Mesmo diante de uma significativa produção, apenas um número reduzido de escritoras consegue furar o cerco editorial. E as que conseguem adentrar instigam as demais mulheres a não desistirem, possibilitando, desse modo, que outras possíveis escritoras também possam dar vazão às suas próprias histórias, porque

[...] ao assumir sua voz-mulher, as escritoras afro-brasileiras ampliam o significado da escrita feminina brasileira, revelando uma identidade-mulher que não é mais o 'outro' dos discursos (ALVES, 2011, p. 186) (grifo da autora)

Partindo da leitura de obras de escritoras negras, pode-se deparar com algo não encontrado em outras literaturas nacionais escritas por pessoas não negras, o que não significa desqualificar, mas perceber a diversidade social, cultural e de gênero. Portanto, pode-se depreender que, nessa escrita, é possível falar de si e da relação com o mundo de diferentes maneiras, de se desconstruir e, ao mesmo tempo, reconstruir-se dentro desse fazer literário.

Desse modo, a literatura/voz negra não se resume unicamente a abordagem de racismo e de relações afirmativas, pois, apesar da legitimidade desses temas, a literatura negra feminina consegue alargar mais esse leque de possibilidades, visto que fala da existência humana, do amor, da resistência negra – de forma bem variada –, e consegue trazer, também, o lirismo ficcional mais próximo do cotidiano, além de utilizar-se de dispositivos de construção de contranarrativa.

3. *Mary Benedita a voz que ecoa*

Falar de literatura negra-feminina brasileira desconsiderando a contribuição de Conceição Evaristo, de sua produção, de sua militância social, para a visibilização e projeção dessa escrita no cenário internacional afigura-se negação sobre a capacidade da mulher negra em instituir sua forma própria de produzir e conceber o texto literário.

Maria da Conceição Evaristo de Brito, escritora mineira nasceu em Belo Horizonte (MG), em 29 de novembro de 1946. Radicada no Rio de Janeiro desde o final da década de 1970, é doutora em Letras (Literatura Comparada) pela Universidade Federal Fluminense (UFF), militante do movimento negro e professora convidada da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)³⁹⁹.

Envolta em palavras, Maria da Conceição sempre fora fascinada pela palavra oral, inicialmente, e, em seguida, pela escrita – palavra essa que, ao seduzir a pequena e ávida leitora, foi construindo uma notável escritora da literatura negro-brasileira. Partiu da modalidade oral para a configuração da palavra escrita, na qual o inóspito lugar de pobreza em que fora criada foi amalgamado em lugar de aprendizagem, dando vazão a uma escrita vigorosa, suturada pelas mãos habilidosas da então escritora Conceição Evaristo.

Conceição Evaristo transforma suas experiências particulares em comunitárias, assim “seu discurso sabota o oficial porque cria um devir mais justo e coerente com o povo que quer representar” (CÔRTEZ, 2016, p. 56). Essas histórias ficcionais intencionam “sabotar o discurso oficial” ao tentar sobrepujar as dores de uma existência violentamente invisibilizada, somando suas vozes a outros gritos, num contínuo reverberar de luta e resistência.

Stelamaris Coser (2016, p. 25) observa que a escrita evaristiana descreve a experiência contemporânea ao recriar e, ao mesmo tempo, registrar a história e cultura dos afro-brasileiros, num transitar entre gêneros literários preme de uma fluidez discursiva e estética, pois, apesar de “todo sofrimento, a esperança e a magia estão presentes na literatura e

³⁹⁹ Na tentativa de reconstrução da trajetória da escritora Conceição Evaristo, foram utilizadas várias obras e autores, “fontes” que possibilitaram o reconhecimento de, ao menos, parte de sua biografia. Dentre as obras, foram visitadas: *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo* (2016), *Literatura Afro-brasileira: 100 autores do século XVII ao XXI* (2014), *Antologia de poesia negra brasileira: o negro em versos* (2005) e os *Cadernos Negros*, em suas várias edições.

resistem na força ancestral e no sonho de liberdade que permite voar”. Tendo suas obras publicadas tardiamente, o que outrora parecia ser um carma na vida das escritoras negras, a literatura de Conceição Evaristo é construída “à margem”, por trilhar seus próprios modelos, oriundos das experiências vividas, sem fraquejar diante da imposição de padrões canonizados e preestabelecidos.

Por seu consistente trabalho literário, Evaristo torna-se uma das importantes desbravadoras negras, sendo fortalecida e fortalecendo o trabalho de escritoras, contistas, romancistas e poetas tais como: Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Geni Guimarães, Esmeralda Ribeiro, Ana Maria Gonçalves, Lia Veira, Alzira Rufino, Miriam Alves, Cidinha da Silva, Kiusam de Oliveira, Lívia Natália, Cristiane Sobral e tantas outras.

A escrita evaristiana rompe amarras e demarca territórios, fura cercos, no que concerne à transposição de espaços literários e quebra de barreiras de cor e gênero, transfigurando-se em expoente da literatura nacional contemporânea, o que lhe impõe um grau maior de responsabilidade, não apenas com sua escrita, mas com o acirramento da luta das demais mulheres negras, pela conquista de espaços dentro e fora do universo literário.

Na narrativa ficcional a seguir, nota-se a produção de um tear, cujo produto almejado, o tecido literário, constitui-se da expressão criadora e imaginativa da autora, a partir de experiências sociais, culturais e estéticas. No livro de contos “Insubmissas lágrimas de mulheres” (2011), de Conceição Evaristo, é possível perceber o intrínseco processo de reafirmação de uma escrita/voz negrocêntrica, que carrega a força da cultura e da ancestralidade partindo de reafirmação de posicionamentos, de memórias, histórias permeadas por marcas da oralidade.

Assim, na introdução da obra “Olhos d’água”, também de sua autoria, Jurema Werneck (2014, p. 14) ressalta que, na escritura de Conceição, as mulheres vão “crescendo em força e poder”, e é desse modo que “nós mulheres negras, buscamos formas de ser no mundo. De contar o mundo como forma de apropriarmo-nos dele”. Partindo dessa ótica, há possibilidade de o/a leitor/a deparar-se com pistas que poderão auxiliá-lo/a no processo de reconstrução, não apenas do “eu”, mas da pluralidade do “nós”.

Em outro momento e contexto, Evaristo enuncia:

[...] caminho por entre vozes. Muitas vezes ouço falas de quem não vejo nem o corpo. Nada me surpreende do invisível que colho. Sei que a vida não pode ser vista só a olho nu. De muitas histórias já sei, pois vieram das entranhas de meu povo. (EVARISTO, 2016, p. 15)

Nesse sentido, é possível constatar, na obra “Insubmissas lágrimas de mulheres”, a existência de marcas de distinção na escrita, pois o discurso surge entranhado no tecido literário, ressoando, assim, uma multiplicidade de clamores femininos.

No intuito de reconhecer vozes que ecoam na literatura negra feminina, o conto “Mary Benedita” foi escolhido para ser estudado, mas antes é importante ressaltar que o conto pode representar e estabelecer interlocução entre escritas e vivências. Nesse caso é possível detectar uma relação dialógica entre a o texto em estudo, de Conceição Evaristo, e a estrutura conceitual de conto, como bem ajuíza Cortázar, ao afirmar que todo “conto perdurável é como a semente onde dorme a árvore gigantesca. Essa árvore crescerá em nós, inscreverá seu nome em nossa história” (CORTÁZAR, 2013, p. 155). Essa semente, ao germinar no/a leitor/a, provocará reflexões, mudanças, visto que, ao findar a leitura, esse ser não mais será o mesmo.

Nos textos evaristianos, pelo tratamento literário a eles dispensados, são perceptíveis marcas de uma literatura que se aventura na “abertura do pequeno para o grande, do individual e circunscrito para a essência mesma da condição humana” (CORTÁZAR, 2013, p. 155). De acordo com Evaristo o que se “apresenta como revelação aos nossos olhos, aos nossos ouvidos, guarda insondáveis camadas do não visto e do não dito” (EVARISTO, 2011, p. 98). Assim, o ouvido e visto pela narradora de Evaristo parte de singulares personagens para contar de questões universais da condição feminina negra.

O conto escolhido, “Mary Benedita”, é narrado em terceira pessoa por uma narradora/personagem/ observadora⁴⁰⁰ que, por ter muito em comum com aprotagonista, constata que, existe muitas afinidades entre a arte que traduz a existência dessa personagem, pintora e poliglota e sua

⁴⁰⁰ Na obra, a narradora afirma, explicitamente, já na apresentação do livro, que as histórias são frutos de relatos de diversas mulheres. Assim sendo, antes de tudo, ela se apresenta como uma ouvinte, que, como uma contadora de histórias, reinventa, no seu ofício da escrita, faz uso de uma narradora-personagem-observadora, porque, além de escutar e recontar, na linguagem escrita, as histórias ouvidas, ela mantém direto contato com as protagonistas, participando, ao mesmo tempo em que relata, na narrativa, esses momentos de interação, reflexão e mudanças sofridas por ela, no decorrer desses contatos.

relação com a arte da escrita. Ambas personagem e narradora dão vozes, a outras mulheres, suas iguais que são destituídas do poder de fala e escuta.

A escritora Conceição Evaristo elege linhas discursivas diferentes das hegemônicas, tendo em vista realçar as diversidades culturais, étnico-raciais e vivências de promoção e empoderamento. Possibilita, assim, a recriação de diferentes situações de enunciação feminina, num contexto social, político e cultural em que o poderio masculino ainda reina quase absoluto, apesar do crescente número de obras publicadas por mulheres, nessas últimas décadas.

O texto é costurado de forma enxuta e precisa pelas engenhosas mãos de uma narradora/ouvinte, que assim como um griot⁴⁰¹, pelo hábito de escutar e recontar histórias, por sua conta e risco, mas sem comprometer e/ou extrair a célula *mater*, carrega a essência propulsora das narrativas, ao acrescentar e retirar sobras de fiapos dessas “tessituras-vidas”.

O texto estudado traz no título o nome da protagonista, Mary Benedita, que no decorrer da narrativa vai sendo desnudada e sua vida é representada em momentos distintos de um crescente processo de construção de si e empoderamento. O conto é carregado de elementos significativos no processo de construção identitária da personagem principal, formado a partir do deslocamento geográfico que a transporta da pequena cidade (Manhãs Azuis) para a capital (Horizonte Aberto).

Esse movimento de passagem provocado pela própria Mary Benedita a conduz da infância para a maturidade, como num rito de passagem, tornando-a cada vez mais resistente e insubmissa, até porque não nascera pedra para criar limo; ao contrário, a cada dia ela “continuava mais pedra, mais sólida, mais fixa ainda no meu desejo de ganhar o mundo” (EVARISTO, 2011, p. 61-2). Ela, de certa forma, carrega elementos da figura quixotesca com qualidades e desejos do ser feminino, ou me-

⁴⁰¹ É necessário enfatizar que a terminologia griô e/ou griot deve ser “encarada como uma forma de transcrição. A palavra ‘griô’ não existe em nenhuma língua africana, e foi uma terminologia imposta pelos colonizadores” (SANTOS, 2015b, p. 164, grifo do autor). A palavra griô ou griot é uma “tradução ocidental para contadores de histórias africanos, que se chamam, entre si, de *djeli*” (SANTOS, 2015b, p. 161, grifo do autor).

Mas, quem seriam os djelis e quais suas funções? Conforme “Amadou Hampâté Bâ e Juliana Jardim, o termo “diele” é proveniente da língua bambara (Barboza, 2008, p. 138). Já “*djeli*” vem da língua maninka, segundo Isaac Bernat (Bernat, 2008, p. 67). Os djeliw (plural de *djeli*) têm amplos poderes no que concerne ao uso da palavra e são profissionais contadores de histórias” (SANTOS, 2015b, p. 164) (grifos do autor).

lhor, simboliza uma amazona errante, que atravessa serras e mares numa incontida ânsia de conhecimento e vida.

A menina de “Manhãs Azuis”, dona da “presteza em tudo, da ligeireza da fala e do pensamento” (EVARISTO, 2011, p. 61), que, desde sempre, correu por tortuosos caminhos, exala o frescor matutino revestido pela profundidade, infinito nascer do dia azulado. O nome dessa cidade, interiorana, ressalta os sonhos da personagem, pois o “azul”, simbolicamente, pode representar um ser puro e frio como a manhã, além de retratar “o caminho da divagação” e/ou “o caminho do sonho” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2006, p. 107), haja vista que o vocábulo “manhã” remete ao “símbolo de pureza e de promessa: é a hora da vida paradisíaca. É ainda a hora da confiança em si, nos outros e na existência” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2006, p. 588).

Ainda menina, a única coisa que conseguia frear sua ligeireza era estar diante do “Mapa-Múndi”:

Eu gostava de ibudisar sobre o tamanho do mundo. Toda e qualquer lição de geografia, que me trouxesse a possibilidade de pensar a extensão da terra, tinha o efeito de amainar os meus desesperados atos de correria. Então eu traçava roteiros de viagens. E me quedava durante horas inteiras, com um Atlas na mão, imaginando percursos sobre infinitos caminhos (EVARISTO, 2011, p. 61).

Esse fascínio de Mary Benedita pelo mapa-múndi que havia em sua escola e, posteriormente, pelo globo terrestre, encontrado na casa de sua tia Aurora, delinea, com mais nitidez, a sede de conhecimento e os desejos de liberdade dessa personagem. Além da representatividade do mapa, que serve para auxiliar na localização geográfica por ser uma representação gráfica da superfície terrestre, o globo terrestre, através de sua forma esférica, vai além do significado do mapa, pois ele pode possuir um duplo significado:

A totalidade geográfica do universo e a totalidade jurídica de um poder absoluto [...] quando ele designa o território limitado sobre o qual se exerce o poder de um personagem: esse poder é ilimitado (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2006, p. 472).

Mary Benedita, desde cedo, traçou seu roteiro, pois tinha pressa e, na ânsia de alçar voos cada vez mais altos, ela mapeou rotas e se jogou conscientemente, porque, com a insaciável sede de viver, não poderia esperar as coisas acontecerem – ela tomava a rédea e protagonizava sua trajetória, fazendo as coisas acontecerem. E, assim, desde menina, mos-

trava-se dona e condutora de sua vida. Inclusive, foi através de suas artimanhas que conseguiu enganar a família e muda-se para a capital, “Horizonte Aberto”, onde residia a tia Aurora, irmã de seu pai. Foi em “Horizonte Aberto” que a menina tornou-se cidadã do mundo. Assim, a (bem)dita senhora de seu destino, definitivamente, pôde ampliar seus horizontes e transformar-se em uma renomada pintora, poliglota e conhecedora de música.

Ao analisar o conto, de modo geral, é interessante ressaltar que a narrativa é curta, com um número reduzido de personagens, tendo mulheres como protagonistas (Mary Benedita), inclusive a narradora. Outro ponto instigante é o fato de que as personagens masculinas que figuram no texto, não possuem nome próprio, sendo indicado/nomeado por algum grau de parentesco, relação de trabalho, afetiva ou religiosa.

4. Considerações finais

Pensar a Literatura Negra é tentar compreender a luta contra a cristalização de corpos/vidas/vozes pretas em situação de subalternização, no sentido de desestabilizar esses espaços que foram/são historicamente relegados à essa população. Desse modo, a abordagem que fazemos neste estudo busca contribuir com a problematização de discursos acerca da voz e fala de um protagonismo negro.

Tânia Lima afirma que não “podemos modificar o passado, mas é importante mudar o olhar sobre o presente e conseqüentemente sobre o futuro” (LIMA, 2009, p. 5). Nessa perspectiva, a literatura negra feminina é experimentada, construída e, acima de tudo, marcada por uma subjetividade que parte da condição de mulheres negras na sociedade. O que lhes confere legitimidade no processo de representação e criação literária.

No texto analisado encontra-se a forte presença de uma narradora e protagonista que confrontam diferentes histórias de vidas, entrelaçando narrativas que dialogam entre si. Conceição Evaristo, com a legitimidade de uma voz/escrita feminina negra transforma a visão negativada das personagens em traços acerca de um discurso e textualidade positivados.

No (re)contar de histórias a produção literária de Conceição Evaristo, em especial no conto “Mary Benedita”, que compõe a obra “Insubmisas lágrimas de mulheres” (2011) é marcada pela resistência, reconstrução do protagonismo e ressoar de vozes mulheres fortalecidas por suas memórias e ancestralidade.

Fomentar a literatura negro-feminina é necessário e urgente, não só no processo de leitura, mas também na prática da escrita, do debate, do estudo e da disseminação dessa literatura negro-brasileira, através do comprometimento da/o profissional, militante e estudiosa/o. Essa atuação termina por culminar no transbordamento de uma prática cotidiana, haja vista que trabalhar e dar visibilidade a essa literatura faz parte do processo de legitimação da escrita dessas mulheres negras. E esse ajuntamento literário possibilita o fortalecimento identitário, e por sua vez da ampliação, desse ecoar de vozes-mulheres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, M. A Literatura Negra Feminina no Brasil – pensando a existência. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as, v. 1, n. 3, p. 181-190, fev. 2011. Disponível em: <http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/280>. Acesso em: 30 jan. 2019.

CANDIDO, A. *A literatura e a formação do homem*. São Paulo: Ciência e Cultura, 1972.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Trad. de V. C. e Silva *et al.* 20. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

CORTÁZAR, J. *Valise de cronópio*. Trad. de D. Arrigucci Jr. e J. A. Barbosa. 2. ed. 256. p. São Paulo: Perspectiva, 2013. (Debates, 104).

CÔRTEZ, C. Diálogos sobre Escrivência e silêncio. In: DUARTE, C. L.; CÔRTEZ, C.; PEREIRA, M. R. A. (Org.). *Escrivências: Identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. Belo Horizonte: Idea, 2016. p. 51-60

COSER, Stelamaris. Circuito transnacionais, entrelaçamentos e diáspora. In: DUARTE, C. L.; CÔRTEZ, C.; PEREIRA, M. R. A. (Org.). *Escrivências: Identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. Belo Horizonte: Idea, 2016. p. 15-29

CUTI, L. S. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010. (Consciência em debate).

DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura afro-brasileira: 10 autores do século XVIII ao XX*. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

_____. Por um conceito de literatura afro-brasileira. In: _____. *Literatura afro-brasileira – 100 autores do século XVIII ao XXI*. 19-45 Rio de Janeiro. Pallas, 2014. p. 19-45

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011. (Vozes da Diáspora Negra, 7)

_____. *Olhos d'água*. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2017.

_____. *Histórias de leves enganos e parencças*. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

LIMA, T. Apresentação. In: LIMA, T.; NASCIMENTO, I.; OLIVEIRA, A. (Org.). *Griots – culturas africanas: linguagem, memória, imaginário*. 1. ed. Natal: Lucgraf, 2009. p. 4-5

MONTEIRO, L. N. Apresentação. In: DUARTE, C. L.; CÔRTEZ, C.; PEREIRA, M. R. A. (Org.). *Escrevivências: Identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. Belo Horizonte: Idea, 2016.

RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017. 112p. (Feminismos Plurais, 1)

RODRIGUES, Ironides. Entrevista de Luisa Lobo. In: _____. *Literatura negra contemporânea. Estudos Afro-asiáticos*, Rio de Janeiro, n. 14, p. 118-119, 1987.

SOUZA, T. C. S. P. de. Escrita feminina negra: contribuições para os estudos literários, feministas e de gênero. *Línguas & Letras* [Dossiê: A Voz Feminina na Literatura], Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, v. 15, n. 30, 2. sem. 2014. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/lingua-seletras/article/view/10392>. Acesso em: 10 mar. 2018.